

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



Sumário

APRESENTAÇÃO.....	9
FONOLOGIA ESTRUTURALISTA..... <i>Juliane Pedrosa e Rubens M. Lucena</i>	15
FONOLOGIA GERATIVA..... <i>Seung Hwa Lee</i>	31
TEORIA DOS TRAÇOS..... <i>Carmen Lúcia Matzenauer e Ana Ruth Moresco Miranda</i>	47
FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL..... <i>Dermeval da Hora e Ana Vogeley</i>	63
FONOLOGIA LEXICAL..... <i>Leda Bisol</i>	81
FONOLOGIA MÉTRICA..... <i>José Magalhães e Elisa Battisti</i>	93
FONOLOGIA PROSÓDICA..... <i>Luciani Tenani</i>	109
TEORIA DA SÍLABA..... <i>Ubiratã Kickhöfel Alves</i>	125
TEORIA DA OTIMIDADE..... <i>Luiz Carlos Schwindt e Gisela Collischonn</i>	141
TEORIA DE EXEMPLARES..... <i>Thais Cristóvão Silva e Christina Abreu Gomes</i>	157
FONOLOGIA DE LABORATÓRIO..... <i>Eleonora Cavalcante Albano</i>	169
OS AUTORES.....	183

Apresentação

Não é irresponsabilidade dizermos que a Fonologia é um dos ramos da Linguística mais produtivos desde sua gênese no início do século xx, com os estudos de Trubetzkoy, Jakobson e outros. Espalhou-se pelo mundo, possibilitando um novo olhar sobre o objeto de estudo dessa ciência: a língua. No Brasil, não foi diferente. Com os estudos de Joaquim Mattoso Camara Jr. nos anos 1970, na perspectiva estruturalista, é descrito, pela primeira vez, o sistema fonológico do português, com base no falar carioca, e que vai motivar a maioria dos estudos nos anos posteriores.

Passaram-se os anos, e a Fonologia foi ocupando seu espaço em várias frentes, tornando-se imprescindível para: o ensino da língua materna ou da língua estrangeira, a compreensão dos fenômenos de variação e de mudança, a descrição e a explicação do processo de aquisição fonológica, a compreensão e a resolução de inúmeros distúrbios de linguagem, o planejamento linguístico etc. Associada a essas aplicações, a Fonologia foi mudando de feição a cada avanço, proporcionando olhares diferenciados e reflexões teóricas que possibilitassem compreender e explicar o mundo da linguagem.

Caro leitor, é com esse olhar que este livro vai levá-lo ao mundo dos sons, enquanto substância das línguas humanas e enquanto unidade das suas gramáticas. Os sons, como matéria-prima dos sistemas linguísticos, ao se organizarem e cumprirem a função de contrastar significados entre as palavras, passam a categorias da gramática – fonemas – e desempenham papel fundamental na estruturação de cada língua.

Como as gramáticas são complexas redes de relações, os fonemas têm de ser estudados sob diferentes prismas: como unidades formadas de

elementos ainda menores, os traços distintivos, e como unidades que se organizam para a constituição de unidades maiores, como as sílabas, os pés métricos, as palavras fonológicas, até chegar ao enunciado. Diferentes teorias se propuseram a difícil tarefa de desvendar os mistérios dos fonemas em sua dupla natureza, como sons e como elemento das gramáticas, e em suas diferentes perspectivas na complicada organização dos sistemas linguísticos. É sobre isso que trataremos neste livro.

O primeiro capítulo, intitulado “Fonologia Estruturalista”, localiza em Saussure, particularmente no conceito de *langue*, as bases para as chamadas teorias fonológicas. Os autores referem os teóricos fundadores da fonologia estruturalista – Baudoin de Courtenay, Nikolai Trubetzkoy, Roman Jakobson, Edward Sapir e Leonard Bloomfield – e apresentam noções fundamentais para os estudos das gramáticas fonológicas das línguas por eles desenvolvidas, como a noção de distintividade, bem como os conceitos de fonema, alofone, distribuição complementar, traço distintivo, neutralização e marcação, por exemplo, que perpassam teorias subsequentemente propostas.

O segundo capítulo, “Fonologia Gerativa”, explica que sua pretensão é construir uma teoria que ofereça as bases para a construção da gramática da fonologia de uma língua, que descreva o conhecimento fonológico do falante-ouvinte em termos de sistema de regras e que, depois, explique esse sistema como resultante de um estado inicial uniforme. Lee apresenta os pressupostos da Fonologia Gerativa e caracteriza a estrutura do componente fonológico das línguas, apontando as regras como o foco e objeto principais nas análises fonológicas e no processo de derivação de representações de superfície a partir de representações subjacentes. Ao tratar das regras como a expressão formal e simbólica do conhecimento linguístico/fonológico do falante/ouvinte, expressa a relevância dos traços distintivos como unidade que revela as alternâncias sonoras do componente fonológico de uma língua natural.

O capítulo “Teoria dos Traços” começa com uma síntese da história dos traços nos estudos fonológicos – desde o Círculo Linguístico de Praga, com Trubetzkoy (1939) e Jakobson (1939), passando pela Fonologia Gerativa Clássica, com Chomsky e Halle (1968), até chegar à Fonologia Autossegmental e à Geometria de Traços, com Clements (1985, 1991) e Clements e Hume (1995) –, para expressar que os *traços* constituem, para

a teoria fonológica, um primitivo conceitual, sendo unidades mínimas que compõem a estrutura interna dos segmentos que integram os inventários fonológicos das línguas. Destaca que, dependendo das diferentes perspectivas teóricas, os traços podem ser abordados sob duas perspectivas: como atributos dos segmentos ou como autossegmentos, o que implica diferente poder de captar generalizações e de possibilitar formalizações dos fenômenos fonológicos. Na defesa de que os traços explicitam fatos relativos à variação, à mudança e à aquisição dos sistemas linguísticos, as autoras do capítulo atribuem aos traços a capacidade de responder pelos inventários segmentais das línguas e de refletir, por meio da formalização de processos, a dinâmica das gramáticas fonológicas.

No quarto capítulo, Hora e Vogeley discutem um dos principais avanços na Fonologia após *The Sound Pattern of English* (SPE): a Fonologia Autossegmental, uma abordagem não linear que permite entender os processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes, tratando as representações fonológicas como multidimensionais com arranjos em várias camadas, ligadas uma à outra por linhas de associação. Os autores deixam claro que essa nova perspectiva é responsável pela mudança na compreensão de como os traços se organizam, inovando em relação ao gerativismo clássico, no momento em que defende a sua hierarquização e seu espraiamento de forma autônoma. Além disso, fica claro no capítulo que essa proposta teórica traz novos *insights* para diferentes processos linguísticos presentes tanto na língua estabelecida como na sua aquisição.

Leda Bisol, no capítulo “Fonologia Lexical”, ensina ser essa uma teoria fonológica de base gerativa que tem por objeto a palavra desde a forma mais simples à mais complexa. A autora explica que o modelo de análise compreende dois componentes: o lexical, cujo domínio é a palavra, sendo o lócus da interação da fonologia com a morfologia, é essencialmente constituído de regras de aplicação categórica; e o pós-lexical, cujo domínio é a frase, sendo o lócus da regra variável, da ressilabificação e de regras como sândi e tom. Bisol destaca que os pontos chave da Fonologia Lexical são o ciclo, a preservação da estrutura, a Condição Elsewhere, o ordenamento das regras e seus efeitos em modelo serial, e refere os estudos de Mascaró (1976) e Kiparsky (1973, 1982, 1985) ao explicá-los. O capítulo é rico em exemplos de derivações que mostram com clareza a atuação de regras lexicais.

O capítulo “Fonologia Métrica”, de José Magalhães e Elisa Battisti, apresenta os modelos teóricos empregados em fonologia para lidar com o acento. Os autores, inicialmente, retomam a proposta de Liberman e Prince (1977), para demonstrar como são representadas, na grade métrica, as relações de proeminência entre sílabas acentuadas e sílabas desprovidas de acento. Na sequência, trazem o modelo “só-grade” de Prince (1985), a implementação de grade com constituintes, de Halle e Vergnaud (1987), até chegarem à teoria paramétrica de pés troqueus e iâmbicos de Hayes (1995). O texto é permeado com exemplos que demonstram como cada uma dessas propostas lidam com a representação do acento em diferentes línguas.

No sétimo capítulo, Tenani apresenta a Fonologia Prosódica como uma teoria formal sobre estruturas prosódicas, as quais são definidas a partir da identificação de informações de natureza sintática ou morfológica relevantes para caracterizar domínios de aplicação de regras fonológicas. Explica os domínios prosódicos e a existência de diferentes propostas de hierarquias prosódicas, referindo dois modelos: o modelo *end-based* (Selkirk, 1984) e o modelo *relation-based* (Nespor e Vogel, 1986). A autora enfatiza que, ao estudar a “sintaxe dos sons”, a Fonologia Prosódica define a gramática de uma língua, por meio de evidências rítmicas e entoacionais da organização prosódica do sistema, bem como de evidências de processos segmentais, especialmente os processos que se aplicam nas junturas de morfemas e de palavras. Destaca que a Fonologia Prosódica adota um conjunto de procedimentos experimentais para a obtenção de dados fonéticos que possam ser evidências da estrutura prosódica e explícita, apresentando diferentes exemplos, passos metodológicos característicos da teoria. Salienta, ao final, a relevância da realização de investigações nesse campo da fonologia, sejam elas de caráter teórico, com foco na configuração da hierarquia prosódica, ou de caráter empírico, voltando-se para a descrição de características da língua e de suas variedades.

No capítulo “Teoria da Sílabas”, Kickhöfel Alves discute o desafio que constitui a caracterização da sílaba em termos representacionais e salienta a pertinência do reconhecimento do *status* fonológico dessa unidade da língua. No detalhamento sobre a estrutura representacional da sílaba, apresenta sua caracterização autosegmental (Kahn, 1976; Clements e Keyser, 1983), arbórea (Selkirk, 1982) e mórica (Hyman, 1985; Hayes, 1995). Explica também que, na silabação que identificam distintos sistemas linguísticos,

a atribuição dos segmentos a uma determinada posição silábica pode ser resolvida, sobretudo, através de três abordagens de silabação: abordagem baseada em regras, abordagem baseada em moldes silábicos ou *templates* e abordagem baseada em restrições, além de obedecer também a princípios universais de silabação, como o Princípio de Sequência de Sonoridade (Clements, 1990) e a Lei do Contato Silábico (Murray e Vennemann, 1983). O autor destaca a proposta de molde silábico do português, apresentada por Bisol (1999, 2013), e a do inglês, proposta por Selkirk (1982), salientando ser a sílaba uma das unidades mais presentes nos trabalhos em fonologia, tanto em estudos que visam a investigar os padrões silábicos de um dado sistema, quanto em investigações em que tal unidade necessita ser evocada para dar conta de questões como o acento ou a relação entre unidades prosódicas.

No nono capítulo, Schwindt e Collischonn apresentam uma visão geral da Teoria da Otimidade (OT), originalmente proposta por Prince e Smolensky (1993) e McCarthy e Prince (1993a, b). Partindo de um exemplo envolvendo a estrutura silábica do português, os autores contextualizam o modelo em relação às perspectivas que o precederam e apresentam sua arquitetura. Os componentes básicos da gramática da OT – LEXICON, GEN, CON e EVAL –, bem como suas propriedades fundamentais – violabilidade, ranqueamento, inclusividade e paralelismo –, vão sendo abordados a cada questão proposta, fazendo emergir conceitos importantes, como Riqueza da Base e Otimização do Léxico, entre outros. O capítulo também contempla a dinâmica da análise em Teoria da Otimidade, desde o estabelecimento do problema, passando pela definição das restrições, até o modo de se operarem *tableaux* e o mecanismo de competição de candidatos. A título de exemplificação, os autores discutem ainda a ideia de conspiração de restrições e o problema da opacidade. Por fim, apontam perspectivas de investigação no domínio da teoria e sugerem bibliografia para seu aprofundamento.

A Teoria dos Exemplares (TE) é apresentada e discutida por Cristóvão Silva e Gomes. As autoras enfatizam que essa teoria é um modelo representacional para a fonologia e que foi inicialmente formulado para o estudo da percepção e categorização visual no âmbito da Psicologia. Fica evidente no capítulo que os modelos teóricos que adotam a hipótese da TE partem da premissa de que a experiência impacta as representações mentais, que são definidas probabilisticamente a partir das instâncias da categoria

que foram atestadas na experiência com o uso da língua. Em um modelo fonológico baseado em exemplares, as representações fonológicas complexas constituem um mapa cognitivo do qual emergem representações abstratas. Os estudos com base na TE pautam-se, sobretudo, em metodologia experimental na expectativa de apresentar evidência empírica para corroborar tendências que expressem as generalizações das representações gramaticais abstratas.

No último capítulo, Albano defende que a Fonologia de Laboratório é mais uma posição metodológica dentro da Fonologia do que uma teoria propriamente dita. Ela é uma abordagem aplicável a qualquer teoria cuja concepção das relações entre a Fonética e a Fonologia seja suficientemente clara para embasar hipóteses experimentais. A autora discute o princípio fundamental do método experimental, denominado *ceteris paribus*, segundo o qual as condições de observação do objeto devem se manter iguais exceto no aspecto que se quer investigar – variado, então, de forma controlada em laboratório. Fica evidente no texto que esse princípio se aplica a toda a ciência experimental, da Física às Ciências Sociais e Humanas, e vem sendo adotado crescentemente pelos mais variados ramos da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia e, ultimamente, também da Linguística. No capítulo, Albano deixa claro o objeto da Fonologia de laboratório: qualquer fenômeno que possa ser manipulado experimentalmente para responder a questões sobre a gramática fônica, como, na sequência do capítulo, ilustram os exemplos.

Os 11 capítulos que compõem este livro oferecem, ao estudante de graduação em Letras e Linguística e áreas afins, bem como aos interessados no intrincado mundo da linguagem, subsídios teóricos para reflexão sobre o componente fonológico do português e de outras línguas, apresentando a Fonologia sob diferentes prismas. O livro possibilita ao leitor o contato com conceitos básicos dos estudos fonológicos e fornece fundamentos para estabelecer comparação entre modelos teóricos. Acima de tudo, os autores esperam estar abrindo caminhos para novas e promissoras investigações no campo da Fonologia, crucial para o conhecimento dos sistemas linguísticos.